

JUSSI ADLER-OLSEN

"A criatividade de Jussi Adler-Olsen para cenas de violência é inigualável." *The New York Times*



A

C

A

Ç

A



J U S S I A D L E R - O L S E N

# A CAÇA

Tradução de  
Cláudia Abeling

1ª edição



E D I T O R A R E C O R D  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

A185c

Adler-Olsen, Jussi, 1950-

A caça [recurso eletrônico] / Jussi Adler-Olsen ; tradução  
Cláudia Abeling. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2015.

recurso digital

Tradução de: Fasandraeberne

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10438-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção dinamarquesa. 2. Livros eletrônicos. I. Abeling,  
Cláudia. II. Título.

15-20929

CDD: 839.813

CDU: 821.113.4

Título original:

FASANDRÆBERNE

Copyright © JP/Politikens Forlagshus København 2008

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Traduzido a partir do alemão *Schändung* por Cláudia Abeling.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte,  
através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram  
assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil

adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10438-0

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos  
e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.

*Dedicado aos três encantos e damas de ferro:  
Anne, Lenne e Charlotte*

## Prólogo

Mais um disparo ecoou sobre a copa das árvores. Já era possível escutar claramente os gritos dos açuladores. O coração martelava nos ouvidos e os pulmões ardiavam com a respiração ofegante no ar úmido.

*Vamos, vamos, continue, corra e não caia. Senão você nunca mais vai se levantar. Merda, merda, por que eu não consigo soltar as mãos? Continue, vamos... Ah, droga... Não posso deixar que me ouçam. Eles me ouviram? Acabou? Minha vida realmente vai acabar assim?*

Os galhos açoitavam o rosto e deixavam marcas sangrentas, o sangue se misturava ao suor.

Os gritos dos homens vinham de todos os lados agora. Foi nesse momento que o medo da morte tomou conta de mim.

Mais disparos. Os projéteis passavam cada vez mais perto. O suor escorria em bicas, envolvendo meu corpo como uma compressa.

*Daqui a um ou dois minutos eles vão me pegar. Merda, por que as minhas mãos nas costas não me obedecem? Como uma fita adesiva pode ser tão forte?*

Batendo as asas com força, os pássaros assustados voaram por cima da copa das árvores. As sombras tremulantes da densa floresta de pinheiros se tornavam cada vez mais nítidas. Agora talvez faltassem apenas 100 metros

até lá. Tudo ficou mais claro. As vozes também. A sede de sangue dos caçadores.

Como eles vão fazer? Um tiro? Um dardo? Bum, acabou, já era?

Não, é provável que não, por que eles iriam se contentar com isso? Esses porcos não são tão misericordiosos assim. Não esses. Eles tinham suas armas e suas facas sujas. E conheciam muito bem os estragos de uma besta.

*Onde posso me esconder? Não tem nenhum lugar? Eu vou conseguir voltar? Vou?*

O olhar perscrutou o chão da floresta. Foi e voltou. Mas a fita adesiva cobria os olhos quase totalmente, era cansativo demais. Os pés tropeçavam sem parar.

*Logo eu vou sentir na própria pele como é estar à mercê da violência deles. Não vão abrir uma exceção para mim. Afinal, precisam disso, o barato deles vem daí. E só assim eles vão ter uma chance de escapar.*

O coração começou a bater tão forte que doía.

# 1

**D**escer o calçadão Strøget no centro de Copenhague era como andar na corda bamba. Um verdadeiro risco. Com o rosto meio escondido por trás de um lenço verde, ela dava passos apressados diante das vitrines bem-iluminadas da área de pedestres. Absolutamente alerta, examinava o lugar. Era preciso reconhecer os outros, mas não ser reconhecida. Era preciso viver em paz com os próprios demônios e deixar todo o resto àqueles que passavam. Àqueles que se desviavam dela com um olhar vazio, indiferente. E àqueles malditos que lhe desejavam coisas ruins.

Kimie olhou para os postes, cuja luz fria iluminava a Vesterbrogade. Sentiu o ar nas narinas. Não ia demorar muito para as noites se tornarem frias. Ela tinha que preparar o abrigo de inverno.

Estava em meio a uma aglomeração de visitantes enregelados do parque Tivoli, perto do semáforo, e olhou em direção à estação central. Foi então que notou a mulher com o casaco de tweed a seu lado, que a observava com os olhos semicerrados e o nariz franzido. A mulher deu um passo para o lado. Poucos centímetros apenas, mas suficientes.

*Mantenha a calma, Kimie!*, o sinal de alerta pulsou em sua nuca quando a raiva parecia querer tomar conta dela.

Seu olhar percorreu o corpo da mulher até as pernas. Meias-calças finíssimas, brilhantes, sapatos de salto alto. Kimmie sentiu um sorriso traiçoeiro surgindo em seus lábios. Um chute forte e os tornozelos frágeis se quebrariam. Quando estivesse deitada sobre a calçada molhada, a sirigaita veria que um terninho Christian Lacroix também podia ficar sujo. Isso lhe ensinaria a cuidar da própria vida.

Kimmie olhou para cima, diretamente para o rosto da mulher. Delineador marcante, nariz empoadado, os cabelos cortados com requinte. O olhar fixo e reservado. Ah, sim, ela conhecia esse tipo de mulher. Ela mesma tinha sido assim. Ela mesma tinha sido da alta sociedade e seu interior era inacreditavelmente vazio. Suas amigas de antes eram assim. Sua madrasta também.

Como detestava todas elas!

*Então faça alguma coisa!*, uma voz sussurrou em sua cabeça. *Não deixe barato! Mostre a ela quem você é. Vamos logo! Agora!*

Kimmie encarou o grupo de garotos de pele escura do outro lado da rua. Se não fossem os olhares perdidos deles, ela realmente teria dado um chute na mulher, bem na frente do ônibus da linha 47. Podia ver com clareza diante de si a mancha de sangue que o ônibus deixaria para trás. O corpo atropelado. Uma onda de espanto iria surgir dele e se propagar pela massa. Que delicioso senso de justiça isso lhe daria!

Porém Kimmie não a empurrou. Em meio a uma multidão como essa, sempre havia alguém alerta. Além disso, algo a impedia. Um lamentável eco de dias distantes.

Ela levantou por um instante o braço e cheirou a axila. Ok, a mulher tinha razão. Suas roupas fediam muito.

Quando a luz verde se acendeu, Kimmie atravessou a rua. A mala com rodinhas tortas se arrastando atrás dela. Esse seria seu último trajeto. Já havia passado da hora de jogar aquele lixo fora.

Já havia passado da hora de mudar de roupa.

\*

As primeiras páginas dos jornais com as letras imensas de suas manchetes estavam expostas em um grande cavalete diante do quiosque da estação. Para aqueles que passavam apressados e para os distraídos, o cavalete de jornais, colocado intencionalmente bem no meio do saguão da estação, era um incômodo e tanto. Em sua caminhada pela cidade, Kimmie viu as manchetes várias vezes. Tinha vontade de vomitar de nojo.

— Porco — murmurou ela, olhando fixamente para a frente ao passar diante do cavalete. Depois, virou a cabeça e olhou a foto ao lado da frase em destaque.

Essa mera observação fez seu corpo tremer.

Sob a foto estava escrito: “Ditlev Pram compra clínicas privadas na Polônia por 12 bilhões de coroas.” Kimmie cuspi e parou por um tempo, esperando o corpo acalmar. Como odiava esse Ditlev Pram! Como odiava Torsten e Ulrik! Mas eles não sairiam ilesos dessa! Ela acabaria com eles, os três.

Agora Kimmie sorria, e um pedestre retribuiu seu gesto. Mais um idiota ingênuo que acredita saber o que se passa na cabeça das pessoas.

De súbito, ela parou.

Um pouco adiante, Tine-Ratazana estava em seu ponto habitual. Curvada para a frente e cambaleando um pouco, ela esticava as mãos sujas com as palmas voltadas para cima. Que babaquice achar que alguém no meio desse formigueiro tivesse dinheiro sobrando para ela! Só os chapados conseguiam passar horas de pé desse jeito. Pobres-diabos.

Kimmie se esgueirou atrás dela em direção à escada que descia até a Reventlowsgade. Mas Tine já a vira fazia muito tempo.

— Oi, Kimmie! Ei, espera aí! Que merda, Kimmie! — conseguiu dizer a outra em um breve momento de lucidez, porém Kimmie não reagiu. Misturada à multidão, Tine-Ratazana não funcionava bem, não servia para nada. Apenas quando estava sentada em seu banco o cérebro trabalhava minimamente.

Por outro lado, ela era a única pessoa que Kimmie suportava.

Por algum motivo inexplicável, o vento que soprava pelas ruas nesse dia estava gelado. Todos se apressavam para chegar em casa. Cinco táxis Mercedes faziam fila, com os motores ligados, diante da escada da estação, do outro lado da Istedgade. Um deles certamente estaria disponível para ela, caso precisasse, em uma emergência. Isso era tudo o que queria saber no momento.

Puxando a mala, ela atravessou a rua em diagonal e foi até a loja de produtos tailandeses no subsolo. Depois, colocou a mala ao lado da janela. Ela tinha sido roubada apenas uma vez naquele local. Com esse tempo, que fazia até os bandidos ficarem em casa, isso certamente não aconteceria. Além disso, tanto fazia. Não havia nada de valor dentro da mala.

Foram dez minutos esperando na praça diante da estação até chegar a hora. Uma mulher elegante de casaco de pele e mala com rodinhas de borracha firmes desceu de um táxi. Era muito magra, Kimmie chutou que o tamanho das roupas era 36 no máximo. No passado, ela escolhia somente mulheres tamanho 38, mas isso fazia anos. Ninguém engorda vivendo na rua.

Kimmie pegou a mala enquanto a mulher estudava uma máquina automática de venda de passagens, no saguão dianteiro da estação. Em seguida, foi direto para a saída e chegou ao ponto de táxi da Reventlowsgade em pouquíssimo tempo.

A prática leva à perfeição.

Ela colocou a mala no porta-malas do primeiro carro e pediu ao motorista que desse uma rápida volta com ela.

Então, tirou um maço grosso de notas de 100 coroas do bolso do casaco.

— Dou mais duzentas se você fizer o que eu pedir — acrescentou, ignorando conscientemente o olhar desconfiado e o tremor nas narinas dele.

Ela voltaria em cerca de uma hora para buscar a mala velha. Até lá estaria usando roupas novas e o perfume de uma estranha.

As narinas do motorista certamente iriam tremer de um jeito diferente.

## 2

Ditlev Pram era um homem bonito e sabia disso. Na classe executiva dos aviões sempre havia mulheres suficientes que não faziam nenhuma objeção em ouvir sobre seu Lamborghini e sobre quão rápido chegava com o carro a sua mansão em Rungsted.

Dessa vez, havia reparado em uma mulher de cabelos sedosos, volumosos. Ela usava óculos de armação preta pesada e, por isso, parecia inacessível. Isso o excitava.

Ele tinha puxado conversa com ela, sem sucesso. Havia lhe oferecido um exemplar de *The Economist*, com uma usina de energia nuclear à contraluz na capa. Mas ela recusara com um aceno de mão. Tinha pedido um drinque para ela. A mulher não tocou nele. Quando a aeronave vinda de Posen chegou pontualmente a Kastrup, os preciosos setenta minutos haviam se passado.

Essas coisas o deixavam agressivo.

Andou com pressa pelos corredores envidraçados do terminal. Quase chegando à esteira rolante, viu sua vítima: um idoso que andava com dificuldade e que caminhava na mesma direção.

Ditlev Pram apressou o passo e estava lá no exato instante em que o senhor colocou o pé na esteira. Ele imaginou direitinho: uma perna esticada de um jeito dissimulado e o corpo frágil trombaria contra o

acrílico, assim como o rosto — os óculos fora de lugar estariam quebrados —, enquanto o idoso tentaria desesperadamente se reerguer.

A perna de Ditlev coçava de vontade de agir. Ele era assim. E seus amigos também. O que não era especialmente louvável nem especialmente vergonhoso. Eles simplesmente foram criados desse jeito. Embora, no caso desse velho, a culpa fosse, de alguma maneira, daquela vaca do avião. Ela bem que poderia ter ido para casa com ele. Em uma hora eles estariam deitados na cama.

A culpa era toda dela.

Quando o Strandmølle Kro apareceu no espelho retrovisor e o mar se abriu cintilante de novo para ele, seu celular tocou.

— Sim — respondeu depois de olhar a tela. Era Ulrik.

— Uma conhecida a viu há alguns dias — avisou ele. — Na Bernstorffsgade, na passagem de pedestres para a estação central.

Ditlev desligou o tocador de MP3.

— Ok. Quando exatamente?

— Na última segunda, 10 de setembro. À noite, por volta das nove.

— O que você fez?

— Torsten e eu demos uma busca por lá. Mas não a encontramos.

— Torsten estava junto?

— Sim. E você sabe como ele é. Não é uma grande ajuda.

— Quem está responsável pela tarefa?

— Aalbæk.

— Tudo bem. Como ela estava?

— Vestida, razoavelmente bem, foi o que ouvi. Mais magra que antes.

E fedia.

— Fedia?

— Sim, a suor e mijo.

Ditlev assentiu. Isso era o pior em Kimmie. Ela não apenas podia sumir por meses, anos até, como nunca se sabia quem era. Invisível durante uma eternidade e, de repente, terrivelmente visível. Kimmie era o maior dos riscos para eles. A única que realmente podia ameaçá-los.

— Dessa vez temos que pegá-la, Ulrik. Ficou claro?

— Por que você acha que liguei para você?

### 3

Apenas quando estava no porão do presídio Carl Mørck se deu conta de que o verão e as férias haviam terminado definitivamente. As salas dos escritórios do Departamento Q eram escuras. Ele acendeu a luz. Seu olhar recaiu sobre uma mesa abarrotada, na qual pilhas de pastas se apoiavam umas às outras. Seu desejo era se virar e bater a porta atrás de si. Também não era de nenhuma valia, no meio de todo esse caos, o buquê de gladiolos que fora “plantado” ali por Assad, grande o suficiente para bloquear uma avenida.

— Bem-vindo de volta, chefe! — Escutou a suas costas.

Ele se virou e encarou os vívidos olhos castanho-claros de Assad. Os cabelos, escuros e finos, estavam espetados em todas as direções, e de certa forma pareciam um cartão de boas-vindas. O indivíduo como um todo irradiava vigor e mal parecia conseguir aguardar o retorno ao ringue, meu Deus!

— Ora, ora! — exclamou Assad quando percebeu o olhar baço do chefe. — Mal dá para acreditar que você acabou de voltar de férias, Carl.

Carl balançou a cabeça.

— Eu fiz isso?

O pessoal do segundo andar tinha se mudado de novo. Maldita reforma policial. Daqui a pouco, ele precisaria de um GPS para encontrar a sala de Marcus Jacobsen, delegado da Divisão de Homicídios. Ausentara-se por apenas três semanas e pelo menos cinco rostos novos o olhavam como se ele tivesse vindo da lua.

Quem são esses?

— Carl, tenho uma boa notícia para você — anunciou Jacobsen.

O olhar de Carl passou pelas paredes do novo escritório. Os vidros esverdeados davam ao lugar um aspecto que variava entre uma sala de cirurgia e a de reuniões de emergência do thriller de Len Deighton que tinha acabado de ler. Como se estivessem perdidos, os olhos descorados dos cadáveres o miravam do alto. Mapas, diagramas e planos de ação estavam pendurados em uma confusão multicolorida. O conjunto possuía um efeito deprimente.

— Uma boa notícia, você diz. Isso não me soa bem.

Carl desabou em uma cadeira diante do chefe.

— Você logo vai receber visitas da Noruega, Carl, eu já tinha te adiantado isso há algum tempo.

Debaixo de suas pálpebras pesadas, Carl Mørck lançou um olhar cansado para ele.

— Uma delegação de cinco ou seis homens do principal departamento de polícia de Oslo vai vir aqui e eles querem dar uma olhada no Departamento Q. Vai ser na próxima sexta, às dez. Você se lembra, não?

— Marcus sorriu. — Me pediram para dizer que estão ansiosos para encontrar você — continuou ele, dando uma piscadela.

Bem, o sentimento não era recíproco.

— Pensando nisso, reforcei a sua equipe. O nome dela é Rose.

Nesse momento, Carl estremeceu de maneira imperceptível.

Pouco depois, ele estava diante da porta da sala do delegado, esforçando-se ao máximo para voltar com as sobrelhas erguidas à posição original. Não é verdade que notícias ruins nunca vêm sozinhas? Mais que verdade! De volta ao trabalho fazia apenas cinco minutos e ele já tinha que fazer as vezes de professor e de guia de um grupo de gorilas. Essa última tarefa, Carl havia conseguido esquecer totalmente por bastante tempo.

— Onde está a garota que vai trabalhar comigo? — perguntou à Sra. Sørensen, que estava atrás do balcão da secretaria.

A mulher nem sequer ergueu os olhos do teclado.

Ele bateu de leve no balcão. Não custava nada tentar.

Então, sentiu um tapinha em seu ombro.

— Aqui está ele em pessoa, Rose — escutou atrás de si. — Posso fazer as apresentações? Esse é Carl Mørck.

Carl se virou e olhou para dois rostos assustadoramente parecidos. A vida do inventor da tinta preta não foi em vão, pensou ele em uma fração de segundo. Cabelos pretíssimos, muitíssimo curtos e cortados em camadas, olhos emoldurados em preto e roupas escuras. A semelhança era muito estranha.

— Caramba, Lis. O que aconteceu com você?

A funcionária mais eficiente da secretaria passou a mão pelos cabelos, antes tão maravilhosamente louros. Um sorriso brilhou em seus olhos.

— Ficou lindo, não?

Carl assentiu devagar, antes de seu olhar chegar à outra mulher. Os sapatos dela tinham saltos que mais pareciam torres. Ela o encarou com um sorriso encantador. Depois ele fitou Lis de novo. Ambas estavam tão parecidas que era possível confundi-las. Carl queria saber quem tinha dado a ideia a quem.

— Esta é Rose. Ela está há alguns dias com a gente e trouxe vida nova a nossa secretaria com seu alto-astrol maravilhoso. Agora eu a deixo aos

seus cuidados. Cuide bem dela, Carl.

Muito bem-munido de argumentos, Carl entrou no escritório de Marcus Jacobsen. Mas, após cerca de vinte minutos, ele sentiu que era uma batalha perdida. Apenas uma semana e depois disso teria que levar a moça para baixo. A futura sala dela, que até o momento era onde ficava armazenado o equipamento para isolar as cenas dos crimes, ficava bem ao lado da sala de Carl. O lugar já estava arrumado, limpo e decorado, Marcus lhe disse. Rose Knudsen era a nova funcionária do Departamento Q e ponto final.

Quaisquer que fossem os motivos para o delegado da Homicídios reparar nela, Carl não gostava de nenhum.

— Rose Knudsen obteve as melhores notas na academia de polícia, mas não passou na prova de direção. Como você sabe, isso define as coisas, independentemente de quão adequada a pessoa possa ser — explicou Marcus Jacobsen, girando seu maço de cigarros amassado pela quinta vez ao redor do próprio eixo. — Talvez ela fosse mesmo um pouco sensível demais para o trabalho de campo, mas queria atuar na polícia de qualquer jeito, por isso fez um curso de secretariado. Ela trabalhou por um ano na delegacia do centro. Nas últimas semanas, Rose substituiu a Sra. Sørensen, que agora está de volta.

— E por que você não devolveu a moça ao centro, posso saber?

— Por quê? Bem, aconteceu algo podre por lá. Nada que nos diga respeito.

— Ok. — A palavra “podre” tinha algo de ameaçador.

— De qualquer forma, agora você tem uma secretária, Carl. E ela é esforçada.

No fundo, Jacobsen dizia isso sobre todo mundo.

— Ela pareceu bastante simpática. Foi o que achei. — Debaixo das lâmpadas fluorescentes, no porão, Assad tentava levantar o ânimo de Carl.

— Ela aprontou algo de podre no centro, é tudo que posso dizer. Ninguém é simpática por isso.

— Algo podre? Explique isso, Carl.

— Esqueça, Assad.

Seu assistente fez que sim e tomou um gole de uma substância com cheiro de hortelã, da qual tinha acabado de se servir.

— Escute, Carl. O caso que você me passou enquanto estava fora... Bem, não consegui avançar. Pesquisei aqui e em todos os lugares possíveis, mas todas as pastas sumiram no caos da mudança lá em cima.

Carl ergueu o olhar. Sumiram? Que merda! Mas tudo bem. Então estava, sim, acontecendo algo de positivo no dia.

— Sim, todas elas sumiram. Por causa disso, dei uma olhada nas nossas pilhas e encontrei isso aqui. Um caso muito interessante.

Assad lhe passou uma pasta verde-clara. Ele ficou sentado diante de Carl, mudo e estático como uma estátua de sal, observando-o cheio de expectativa.

— Sua intenção é ficar sentado aqui enquanto eu leio?

— Sim, obrigado — respondeu Assad, colocando sua xícara sobre a escrivaninha de Carl.

Carl inflou as bochechas e, abrindo a pasta, expirou bem lentamente.

Um caso antigo. Realmente antigo. Do verão de 1987, para ser preciso. Foi o ano em que ele e um colega foram ao Carnaval de Copenhague. Naquela época, uma garota ruiva havia lhe ensinado a dançar. Eles não perderam o ritmo nem durante a noite que passaram atrás de um arbusto no parque. Estava com 22 anos e, depois desse passeio, não era mais virgem em nenhum sentido.

Um bom verão, 1987. O verão no qual finalmente foi transferido de Vejle para Copenhague, na delegacia da Antonigade.

As mortes devem ter ocorrido de oito a dez semanas depois daquele carnaval. Foi mais ou menos a época difícil em que a ruiva decidiu lançar seu corpo dançante sobre outro caipira. Sim, exatamente nos dias em que Carl deu suas primeiras batidas noturnas pelas ruas estreitas de Copenhague. Na realidade, era muito estranho que ele não se lembrasse do caso, pois foi deveras bizarro.

Dois irmãos, uma garota de 17 e um garoto de 18 anos, foram encontrados desfigurados por maus-tratos em uma casa de verão em Rørvig, não muito longe do lago Dybesø. O corpo da garota estava bastante ferido e dava para perceber que ela havia sofrido terrivelmente tentando se defender durante o ataque — os machucados eram prova disso.

Carl olhou para o texto. Nenhuma agressão sexual. Nem roubo.

Em seguida, ele leu o relatório da necropsia mais uma vez e folheou os recortes de jornais. Eram poucos, mas os títulos vinham em letras garrafais.

“Espancada até a morte”, foi como o *Berlingske Tidende* chamou o relato detalhado do cadáver, de uma maneira pouco comum para um jornal tão sério.

Ambos os corpos estavam na sala de estar, próximo à lareira, a garota de biquíni e o irmão, nu. Com uma das mãos, ele segurava uma garrafa de conhaque pela metade. Um golpe certo na nuca com um objeto pesado tinha sido a causa da morte. Mais tarde, um martelo encontrado na mata entre os lagos Flyndersø e Dybesø foi identificado como a arma do crime.

O motivo era desconhecido. A suspeita, entretanto, recaiu rapidamente sobre um grupo de jovens alunos de um internato, hospedado em uma das enormes casas de veraneio perto de Flyndersø. Eles já haviam arrumado

muita confusão no Den Runde, a boate local. Alguns jovens do balneário foram severamente espancados.

— Você já chegou ao ponto onde os suspeitos são descritos?

Carl, com o cenho franzido, olhou para Assad. Uma resposta clara, em sua opinião, mas Assad continuou.

— Sim, é claro. E o relatório também indica que os pais de todos eles ganhavam bastante dinheiro. Mas isso era um tanto comum nos dourados 1980, ou seja lá como a época era chamada.

Carl assentiu. Agora ele tinha chegado nesse ponto do relatório.

Sim, estava certo. Os pais eram todos figuras conhecidas — e continuavam sendo.

Ele passou os olhos pelos nomes dos tais alunos do internato uma segunda vez. Não era possível. Não apenas os pais eram riquíssimos e conhecidos como, anos mais tarde, seus filhos também se tornaram famosos, ao menos alguns deles. Chegaram ao mundo em berço de ouro e logo o trocaram por um de platina. Entre eles estava Ditlev Pram, fundador de uma cadeia exclusiva de clínicas particulares; Torsten Florin, designer de moda de renome internacional; e Ulrik Dybbøl Jensen, analista e especulador de ações na bolsa de Copenhague. Todos estavam no topo da escada de sucesso da Dinamarca. O mesmo valia para o já falecido armador Kristian Wolf. Apenas os dois últimos nomes fugiam desse esquema. Kirsten-Marie Lassen também fazia parte da alta sociedade, mas seu paradeiro era completamente desconhecido. Apenas Bjarne Thøgersen, que tinha confessado o assassinato dos irmãos e que estava na cadeia, vinha de uma família mais modesta.

Ao terminar a leitura, Carl jogou a pasta sobre a mesa.

— Bem, não faço a mínima ideia de por que isso veio parar aqui com a gente — declarou Assad. Normalmente, Carl teria sorrido com o

comentário, mas não o fez.

Em vez disso, balançou a cabeça.

— Também não entendo. Há um homem preso pelo crime. Ele confessou e foi condenado à prisão perpétua. Além do mais, ele mesmo se entregou. O que não está claro nesse caso? Acabou. *Game over*. — E bateu com a mão espalmada sobre a pasta.

— Hum. — Assad mordeu o lábio inferior. — Mas ele se entregou apenas nove anos depois do crime.

— E daí? O que importa é que ele confessou. Quando cometeu os assassinatos, ele estava com 18. Talvez os anos seguintes o tenham ensinado que uma consciência pesada não é um bom travesseiro.

— Travesseiro?

Carl suspirou.

— A gente costuma dizer que uma consciência tranquila é o melhor travesseiro. E uma consciência pesada não melhora com os anos, Assad. Pelo contrário.

Assad estava processando a informação. Era impossível não notar isso.

— Os policiais de Nykøbing Sjælland e de Holbæk trabalharam juntos nesse caso. E o Grupo de Ações Táticas também participou. Mas não consigo encontrar em nenhum lugar da pasta uma pista de quem mandou isso para cá. E você?

Carl lançou um olhar para a parte da frente da pasta.

— Não. Não tem nenhuma anotação. Muito estranho.

Se ninguém dos dois distritos policiais havia lhe enviado a pasta, quem tinha sido então? E por que reabrir um caso que já fora encerrado com uma condenação?

— Pode ter relação com isto? — perguntou Assad.

Ele havia folheado a pasta e encontrado um documento da secretaria de finanças. Entregou-o a Carl. No alto estava escrito *Balanço anual*,

endereçado a Bjarne Thøgersen, residente na prisão federal em Vridsløselille, distrito de Albertslund. O homem que estava preso lá por ter matado os dois jovens.

— Veja só!

Assad apontou para uma soma considerável na rubrica de venda de ações.

— O que você acha disso?

— Acho que ele vem de uma família de posses e que está com tempo suficiente para brincar com o dinheiro. E parece que teve sucesso. O que você está querendo dizer?

— Então vou te lembrar, Carl, que esse Bjarne não vem de uma família de posses. Era o único bolsista do internato. Aqui você pode ver que ele era bem diferente do restante da turma. — Assad voltou às folhas.

Carl apoiou a cabeça na mão.

Férias são assim.

Elas terminam.

## 4

### Outono de 1986

Os seis estudantes do segundo ano do ensino médio eram muito diferentes, mas tinham algo em comum: assim que a aula terminava, eles se encontravam em uma trilha na floresta para fumar, mesmo que o céu estivesse desabando com a chuva. Bjarne havia organizado para que tudo que fosse necessário ficasse a sua disposição em uma árvore oca. Cigarros Cecil, fósforos, papel-alumínio e a maconha mais pura possível de Næstved. Dinheiro não era problema. Eles ficavam bem próximos uns dos outros e logo davam algumas tragadas. Fortes, porém não fortes demais, afinal eles não podiam ficar tão chapados a ponto de serem traídos por suas pupilas.

Não estavam atrás do barato. O que importava mesmo era a autodeterminação. Era cagar para todo tipo de autoridade, da maneira mais radical possível. E fumar maconha tão perto do internato era o mais radical que se podia fazer.

Por isso, eles compartilhavam o baseado, ridicularizavam os professores e concorriam entre si imaginando o que de pior fariam com eles caso um dia os pegassem.

O outono inteiro se passou assim — até o dia em que Kristian e Torsten quase foram pegos com um bafo que nem dez enormes dentes de alho

poderiam ocultar. Por isso, decidiram passar a comer a maconha. Pelo menos assim não seria possível sentir o cheiro dela.

E foi depois disso que a coisa pegou fogo de vez.

\*

Quando foram pegos em flagrante, eles estavam em uma clareira perto do rio. Faziam palhaçadas, todos sentiam a mente muito leve. A geada sobre as folhas tinha descongelado e pingava sobre suas cabeças.

Um dos alunos mais novos se ergueu de súbito de trás dos arbustos e olhou diretamente para eles. Era um garotinho exemplar e irritante, um merdinha louro e determinado, que caçava um besouro para apresentar na aula de biologia.

Em vez disso, ele viu Kristian guardando todas as coisas de volta na árvore oca, Torsten, Ulrik e Bjarne em meio a um acesso de riso e Ditlev com as mãos dentro da blusa de Kimmie, que também gargalhava como uma louca. Era um dos melhores baratos que eles haviam experimentado.

— Vou contar para o diretor — gritou o garoto para eles e não percebeu a tempo como o riso dos mais velhos emudeceu abruptamente. O menino era ágil e gostava de provocar. Na verdade, ele poderia facilmente ter escapado correndo dali, de tão chapados que os garotos estavam. Mas a floresta era fechada e ele representava um perigo grande demais para que eles o deixassem fugir.

Bjarne era o que mais tinha a perder caso fosse expulso da escola. Por isso, foi ele quem Kristian incitou quando pegaram o idiota. E foi o primeiro a bater.

— Se meu pai quiser, ele pode quebrar a empresa do seu a qualquer momento — gritou o menino. — Você sabe disso, não é? Cai fora, Bjarne, seu merda! Ou você vai ver o que é bom! Me solta, seu idiota!

Eles hesitaram um pouco. O sujeitinho já havia irritado muitos de seus colegas. Antes dele, seu pai, seu tio e sua irmã mais velha já tinham passado pelo internato. Dizia-se que a família era uma daquelas que sustentavam generosamente a escola. Com dinheiro de doações, dos quais Bjarne era tão dependente.

Foi aí que Kristian se manifestou. Eles não conheciam problemas econômicos desse porte.

— Se você ficar de bico calado, vai ganhar 20 mil coroas — avisou ele, falando sério.

— Vinte mil coroas! — O garoto bufou com desdém. — É só eu ligar para o meu pai que ganho o dobro. — E cuspiu no rosto de Kristian.

— Seu merdinha, se você abrir o bico, vamos te matar. — Kristian deu um soco no garoto e ele bateu contra o tronco de uma árvore. Deu para ouvir algumas costelas se quebrarem.

Ele estava deitado no chão, choramingando de dor. Mas seus olhos ainda estavam repletos de teimosia. Ditlev se aproximou.

— A gente podia te estrangular agora, sem problemas. Ou te segurar debaixo d'água no rio. Mas vamos deixar você vazar com as 20 mil coroas e vai ficar de boca calada. Se voltar agora e disser que caiu, vão acreditar em você. Entendeu, seu bundão?

Mas o garoto, ainda deitado no chão, não respondeu.

Ditlev se aproximou dele e ficou observando. A reação desse merdinha o fascinava. Ele ergueu o braço lentamente, como se quisesse dar um soco, mas o menino continuava sem reagir. Depois, ele deu um tapinha no alto da cabeça e o garoto estremeceu, assustado. Em seguida, deu um soco nele. Uma sensação ótima. Ditlev sorriu.

Mas tarde, ele contou que aquele último soco tinha sido o primeiro barato de verdade de sua vida.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

# Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Caça"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

## Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).